

8176 Alexander Rehding, Instruments of music theory
MTO, A journal of the Society for Music Theory Volume 22, Number 4, 2016

8177 Rogers, George L. The Music of the Spheres.
Music Educators Journal, 2016, Vol. 103, Uitgave 1, 13 p

8178 María José Sáez Bondía Hipatia de Alejandría: La Dama de las Ciencias. Una
propuesta interdisciplinar en primaria a través del uso de textos
Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias 13 (3), 628-642,
2016

8179 Barbara M. Sattler A time for learning and for counting – Egyptians, Greeks
and empirical processes in Plato's Timaeus pp. 249-266
In Richard Mohr & Barbara M. Sattler (eds.), One Book, the Whole Universe: Plato's
Timaeus Today. Parmenides Press. (2010)

8180 Giuliana Scalera McClintock
La questione orfica p 13 - 25
Capitolo 1 del volume "L'antica natura titanica", Napoli 2016-

8181 Richard Seaford, Aeschylus, Herakleitos, and Pythagoreanism p 17 - 38
In: Douglas Cairns (ed.), Tragedy and Archaic Greek Thought. Swansea: Classical
Press of Wales, 2013.

8182 Seiler, Hanspeter: Die pythagoreisch-naturwissenschaftlichen Grundlagen der
Hochzeitszahl aus Platons "Staat". Hildesheim; Zürich; New York, Georg Olms
Verlag. (2016). Altertumswissenschaftliche Texte und Studien; Band 43. 256 Seiten.
Illustrationen, Karte.

BOOK

8182 Sias, Joshua J.. "Ancient Animal Ethics: The Earliest Arguments for the Ethical
Consideration of Nonhuman Animals."
"The Downtown Review. Vol. 2. Iss. 1 (2015).

P . .

8183 Sousa, Eudoro Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1a parte)
ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, vol. X nº 19, 2016 p 120 - 150

8184 Szumyn. The Barbarian wisdom of the "theoi andres": a study of the relationship
between spatial marginality and social alterity. 2005. Available at:
<http://hdl.handle.net/1959.14/45690>.

BOOK

Sousa, Eudoro
Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

FONTES DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA - SEÇÃO I de Eudoro de Sousa

Introdução à presente reedição

Muitos são os sentidos que confluem ao percurso e à obra de Eudoro de Sousa. Natural de Lisboa, foi um dos professores fundadores da Universidade de Brasília. Fundou em 1965 o Núcleo de Estudos Clássicos, onde buscava estabelecer entre os diversos cursos um diálogo e uma integração das produções e atividades em torno dos estudos da antiguidade. Um traço marcante de sua obra é a dedicação a uma pesquisa com rigor e cuidado ao estudo da recepção clássica. Já na obra que aqui apresentamos é notável seu empenho filológico e sua habilidade minuciosa para a reconstrução histórica. Desde tais princípios elaborou uma tradução em vista não só de apresentar uma versão dos textos gregos inédita ao público lusófono, mas que em sua força trouxesse consigo a disposição de ensinar e aprender. Não se trata de aceder ao passado, mas de conservar o aprendizado legado por esta herança clássica em sua estrutura e apropriação hermenêutica.

Nesta diversidade de horizontes filosóficos, históricos e filológicos, Eudoro de Sousa buscou sempre a complementariedade, tal como o conceito metodológico que desenvolveu posteriormente para a relação entre mito e filosofia. O que está em jogo é sempre uma dinâmica de integração, a exclusão não comporta força criativa nem na realidade nem no método. Desta maneira, o empenho como tradutor é parte do desempenho educacional; mostra-se a intimidade estrutural do horizonte histórico, dos acontecimentos no real e da tradição de pensamento, que resultam no desenrolar da construção vital do homem e da necessidade criativa da alma.

O trabalho aqui em questão é parte de um projeto que se esforça em resgatar alguns

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

dispositivos constituintes da cultura ocidental. Trata-se de uma contribuição que se volta para os precedentes de um futuro possível. Ao conceber um extenso catálogo doxográfico, permite que a força de cada pensador apareça e desperte o carácter ígneo do pensamento que moveu e sustentou uma tradição clássica e que de alguma forma manteve-se como referência no percurso do homem ocidental.

Os dois artigos que aqui apresentamos foram publicados pela primeira vez na Revista Brasileira de Filosofia. O primeiro, na edição de Vol. IV fascículo 1, de Janeiro a Março de 1954; enquanto o segundo, foi publicado na edição de mesmo volume, no fascículo 2, datado de Abril a Junho 1954. No primeiro artigo encontram-se textos de Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Teágenes de Régio e Xenófanos. Já o segundo volume é inteiramente dedicado a Heráclito de Éfeso. Consistem em textos que possuem como base duas obras : *Doxographi Graeci* de Hermann Diels e *Die Fragmente der Vorsokratiker* de Hermann Diels e Walther Kranz, 6ª ed. –, entre outras consultadas e listadas pelo próprio Eudoro na introdução que precede o texto que aqui publicamos. Logo nesta introdução, percebemos que tratava-se de um projeto amplo que pretendia dar conta de vasta extensão de fontes da História da Filosofia Antiga, não só pré-socráticas, mas do período clássico e helenístico, no entanto, o trabalho que conhecemos permaneceu nesses dois artigos, cujo conteúdo, em parte, aparece revisado em obras posteriores.

Esta belíssima contribuição para o estudo clássico não desfrutou de novas edições, antes teve parte dela revisada e publicada em duas outras obras, *Horizonte e Complementariedade* e *Filosofia Grega*, já compondo outra característica de Eudoro, que era sempre voltar e retrabalhar antigos textos. Contudo, sua integridade textual e estrutura primeira permanecia apenas na publicação original. A presente reedição procura trazer o texto original, tal como publicado em 1954, provido da revisão segundo o novo acordo ortográfico. A parte publicada da “Seção I”, com textos de filósofos jônios, pequena fração do projeto original mais amplo, será publicada nos Anais de Filosofia Clássica em duas partes, nos números 19 e 20, vol. X de 2016.

Fernando Rodrigues

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

FONTES DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA

A presente versão de textos filosóficos obedece ao propósito de introduzir estudantes e estudiosos na própria oficina da história. Dedicamo-la, portanto, a todos aqueles que não se resignam a haurir seus conhecimentos em obras de mera divulgação cultural ou inepta repetição do já dito e já escrito.

Visamos, pois, uma finalidade exclusivamente didática. Destinado à docência e à discência da história da filosofia, como auxiliar do ensino e aprendizado de quanto os gregos especularam acerca de Deus, do Homem e da Natureza, não reivindica o nosso trabalho outro mérito, senão aquele que tributável seja a um *primeiro* esforço por superar o principal obstáculo que se nos depara no caminho para a interpretação do pensamento filosófico da Antiguidade.

Aliás, as obras dos filósofos gregos têm de ser lidas por nós, em grego ou em português, porque, *in nuce*, o idioma é cultura vivente. Não o ignoram os povos que mais ativamente contribuíram para a formação e desenvolvimento da chamada civilização ocidental; e, por isso, não desdenharam muitos dos seus mais ilustres representantes, do ingrato mister de traduzir os “clássicos” da filosofia. Se, por conseguinte, alguma razão nos assiste, a nós, portugueses e brasileiros, para não renunciar ao papel que por ventura nos foi distribuído neste drama da cultura, cujo prólogo, ou ato primeiro, há mais de vinte séculos subiu à cena no tablado grego, – tenhamo-lo por certo: não é num texto intermediário, francês, inglês, italiano ou alemão, que os escritos dos grandes pensadores da Hélade deverão ser lidos nas nossas escolas.

A publicação das *Fontes da História da Filosofia Antiga*, que prosseguirá em números sucessivos da Revista Brasileira de Filosofia, compreende as seguintes seções:

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

I *De Tales a Crítias*

II *Socráticos Menores*

III *Platão e a Academia*

IV *Aristóteles e Peripatéticos*

V *Estoicos, Epicuristas, Céticos*

VI *Neopitagóricos e Neoplatônicos*

VII *Hermetismo e Gnose*

Em conjunto, os textos que reputamos mais representativos do pensamento filosófico da Grécia e dos povos helenizados do Mundo Antigo poderão servir de “apostila” a qualquer curso de história da filosofia, e, precisamente nessa intenção, nos abstermos de comentá-los. Estudantes e estudiosos, alunos e professores, encontrarão na copiosíssima literatura historiográfica os esclarecimentos de que eventualmente careçam. Esperamos, todavia, a oportunidade de publicar nas páginas desta Revista as “anotações” sugeridas, no decorrer das nossas aulas, pela leitura e comentário dos textos.

À Seção I, – *De Tales a Crítias* –, pertencem as páginas que hoje damos à publicidade. A física de Mileto é a primeira fase da filosofia grega, geralmente apelidada de “pré-socrática”. Não usamos esta designação, porque ela induz o leitor desprevenido, num falso conceito, dando a entender que os antecessores de Sócrates somente *prepararam* a filosofia socrática e pós-socrática. Além disso, o período em questão abrange doutrinas e doutrinários irreduzíveis a um comum denominador. Pois se a possibilidade existe, de traçar uma linha de desenvolvimento contínuo, desde Tales de Mileto até Demócrito de Abdera, passando por Heráclito e Parmênides, a verdade é que os Pitagóricos e os Sofistas dificilmente alinhariam com os representantes da *Filosofia da Natureza*. Dividimos, portanto, a Seção I, em quatro subseções:

- A) *Filosofia da Natureza*: Jônios, Eleatas, Heráclito, Empédocles, Anaxágoras, e Atomistas;
- B) *Poesia e Prosa Mito-Poéticas*: Orfeu, Museu, Epimênides, Ferécides, Acusilau;
- C) *Pitágoras e Pitagóricos*;
- D) *Sofistas*.

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

Começando pela doxografia dos Jônios (A), e não pelos fragmentos da poesia e prosa cosmológicas e astrológicas (Diels-Kranz, caps. 1-3) (B), cedemos às sugestões de Werner Jager (*The Theology of the early Greek Philosophers*, cap. IV) que tornou extremamente verosímil a hipótese de uma influência decisiva da escola de Mileto na formação das doutrinas órficas, pelo menos na parte referente à cosmogonia.

Quanto a esta primeira seção, os textos originais encontram-se nas duas famosas coletâneas de Hermann Diels: *Doxographi Graeci* (2.ª ed. Berlin/Leipzig, 1929) e *Fragmente der Vorsokratiker* (6.ª ed. Berlin, 1951-52) e na de Otto Kern, *Orphicorum Fragmenta* (Berlin, 1922). Comparamos com os originais as versões alemãs de Wilhelm Nestle (*Die Vorsokratiker*, 2.ª ed. Jena, 1922), Wilhelm Capelle (*Die Vorsokratiker/ Die Fragmente und Quellenberichte*, 3.ª ed. Stuttgart, 1940), Michael Gruenwald (*Die Anfänge der Abendländische Philosophie / Fragmente und Lehrberichte der Vorsokratiker*, Zuerich, 1949), inglesas de John Burnet (*Early Greek Philosophy*, 3.ª ed. London, 1920) e Kathleen Freeman (*Ancilla to the Presocratic Philosophers*, Oxford, 1948), francesa de Paul Tannery (*Pour l'histoire de la science Hellène*, Paris, 1887), e outras versões parciais em vários idiomas, principalmente as de Empédocles (Ettore Bignone e Walter Kranz), dos Eleatas (Albertelli), de Parmênides (Untersteiner), dos Atomistas (Alfieri) e dos Órficos (Losacco, Guthrie). Para a tradução das passagens mais obscuras e controvertidas, recorreremos ao melhor da literatura historiográfica: Zeller, Ueberweg-Praechter, Gomperz, Windelband, Jaeger, Gigon, Tannery, A. Rey, Robin, P. M. Schuhl, A. Rivaud, R. Mondolfo, além dos comentários às edições acima mencionadas.

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

Secção I. de Tales a Crítias

A) Filosofia da Natureza

TALES

(Diels-Kranz, cap 11)

Biografia e Doxografia

1. [Biografia] – Segundo Heródoto, Duris e Demócrito, pai de Tales foi Examias, e a mãe, Cleobulina, da casa dos Télides, estirpe fenícia altamente considerada, que descende de Cadmo e Agenor [...] Foi registrado na lista dos cidadãos de Mileto, quando lá chegou em companhia de Neleu, exilado da Fenícia. Mas na opinião da maioria, teria nascido em Mileto, de família ilustre. Dedicou-se primeiro à atividade política, e depois à física; mas na opinião de alguns, nada escreveu, pois a “Astrologia Náutica”, que lhe atribuem, deve ser obra de Foco de Samos [...] e opinam outros que escrevera ele dois livros, e mais nenhum, designadamente, “Dos Solstícios” e “Dos equinócios” [...] Apolodoro, na “Crônica”, fixa o nascimento de Tales no primeiro ano da 35.^a Olimpíada (640 a.C.). Morreu na idade de 78 anos, ou, segundo Sosícrates, com 90 anos, pois teria morrido na 58.^a Olimpíada (548/45 a.C.), tendo sido contemporâneo de Creso ... (1)

Foi um dos sete sábios, o que Platão confirma; e o primeiro apelidado de “sábio”. <Sucedeu isto> no tempo de arconte Damásias (582/1 a.C.), em que foi estabelecido este número dos “sete” sábios, como Demétrio de Falero noticia na sua “Inscrição dos Arcontes”. (1)

Sócrates a Teodoro: Era assim que Tales contemplava os astros, e uma vez, olhando o céu, foi cair num poço. Diz-se que uma mulher da Trácia, gentil e graciosa serva, ao vê-lo, escarninha se riu daquele zeloso perscrutar das alturas, tão desatento ao que diante dele, a seus pés, se encontrava. (9)

Uma vez o vituperaram pela sua pobreza, querendo persuadi-lo da inutilidade da filosofia. Porém, vindo a saber, ainda no inverno, pela astronomia, que a safra seria abundante no ano seguinte, dispendeu o filósofo o pouco dinheiro que possuía, alugando por baixo preço todos os lagares de azeite que existiam em Quios e Mileto. Ninguém lhe disputou o negócio. Mas chegado o momento da safra, muitos pretenderam servir-se dos lagares, querendo todos ao mesmo tempo ser os primeiros. Sublocou-os então por altíssimo preço, o obteve imenso

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

lucro. Assim provou que aos filósofos é fácil adquirir riquezas, querendo fazê-lo, mas que outra é a ambição deles. (10)

Id [a relação entre o diâmetro do sol e a circunferência que ele descreve] *a se recens inventum Thales memoratur edocuisse Mandrolytum Drienensem, qui nova et inopinata cognitione impendio delecturus optare iussit quantam vellet mercedem sibi pro tanto documento rependi: “satis” inquit “mihi fuerit mercedis” Thales sapiens, “si id quod a me didicisti cum proferre ad quosdam coeperis, tibi non adsciveris sed eius inventi me potius quam alium repertorem praedicaris”*. (19 a)

Tendo-lhe um dos discípulos perguntado qual o preço do seu ensino, respondeu: “reconhece que te ensinei, e terás pago o que me deves.” (19 b)

2. [Relação com o Oriente] Viajou pelo Egito, onde privou intimamente com os sacerdotes... (1)

Tal como nos Fenícios o rigoroso conhecimento dos números teve início no comércio e nas relações comerciais, assim a geometria, entre os Egípcios. Tales foi o primeiro que, vindo do Egito, transmitiu esta ciência à Hélade; muitas coisas descobriu ele próprio; de muitas outras estabeleceu os fundamentos, para os que vieram depois dele. (11 a)

Também creem <os sacerdotes egípcios> que Homero, como Tales, com os Egípcios aprendeu a considerar a água como princípio e força geradora de todos os entes. (11 b)

Sobre aqueles que entre os Gregos primeiro filosofaram acerca dos céus e das coisas divinas, como Ferécides de Siro, Pitágoras e Tales, todos concordam unanimemente em que foram eles discípulos dos Egípcios e dos Caldeus e que pouco escreveram [...] (11 c)

Depois de se exercer em filosofia, no Egito, regressou, mais velho, a Mileto. (11d)

Tales persuadiu Pitágoras de que navegasse para o Egito e convivesse o mais possível com os sacerdotes de Menfis e de Dióspolis; pois junto desses sacerdotes também ele se muniria daqueles conhecimentos, mediante os quais o sábio é estimado pela multidão dos homens [...] (11 e)

3. [Geometria] Jerônimo noticia que Tales medira a altura da Pirâmides, pela sombra delas, – medida que avaliou no instante em que nossa sombra e o nosso corpo têm o mesmo comprimento [...] (1)

Mensuram altitudinis earum <das Pirâmides> deprehendere invenit Thales Milesius umbram metiendo qua hora par esse corpori solet. (21 a)

Niloxeno a Tales “[...] colocaste o bastão <verticalmente> na orla da sombra

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

produzida pela Pirâmide e, formando dois triângulos pela interseção dos raios solares, demonstraste que a altura da Pirâmide está para o comprimento do bastão, como os comprimentos das respectivas sombras”. (21 b)

Na geometria, como discípulo dos Egípcios, diz Panfila que foi Tales o primeiro que inscreveu no <hemi> ciclo um triângulo retângulo e <em ação de graças> sacrificou um boi. Outros atribuem o fato a Pitágoras, – o matemático Apolodoro é um deles. <Tales> explorou a fundo as descobertas que, segundo Calímaco, são devidas a Euforbo, como, por exemplo, a dos escalenos e dos triângulos em geral, e tudo quanto diz respeito à teoria das linhas [...] (1)

Dizem que Tales foi o primeiro que demonstrou que o círculo é dividido pelo diâmetro em duas partes iguais [...] (20 a)

Também se diz ter ele afirmado que, em qualquer triângulo isósceles, são iguais os ângulos na base, denominando de maneira arcaica os ângulos iguais, “semelhantes”. [...] (20 b)

O teorema: “quando duas retas se cortam, são iguais os ângulos verticalmente opostos”, foi descoberto por Tales. Eudemo, na “História da Geometria”, atribui a Tales este teorema <igualdade dos ângulos que têm um dos lados iguais, e iguais também os dois ângulos adjacentes>, pois diz que ele teria calculado deste modo a distância de um navio <à costa> (20 d).

4. [Astronomia] Também há quem diga que foi ele o primeiro cultor da ciência dos astros, havendo prenunciado eclipses do sol e acontecimentos futuros, motivo pelo qual Xenófanes e Heródoto o admiram. Disso são testemunhas Heráclito e Demócrito [...] (1)

Mas como a guerra não se decidia [...] aconteceu que de súbito o dia se fez noite. Esta mudança tinha sido predita por Tales de Mileto (Eclipse de 28 de Maio de 585). (5a)

Quanto a Tales, predisse ele, como o assevera Eudemo na “História da Astrologia”, o eclipse do sol que se dera no tempo em que os Medas, no reinado de Ciaxares, pai de Astiages, e os Lídios, no reinado de Aliates, pai de Creso, travavam batalha. Com Eudemo concorda Heródoto no I Livro. Foi no tempo da 50.ª Olimpíada (580/77 a.C.). (5 b)

Solis facta defectio cum futuram eam Thales ante dixisset ... Alyattes et Astyages dimicaverunt a Abr. 1432 (585 a.C.). (5 c)

Apud Graecos autem investigavit (sc. defectus rationem) primus omnium Thales Milesius olympiadis XLVIII ano quarto (585/4 a.C.) praedicto solis defectu qui Alyatte reye factus est urbis conditae CLXXX. (5 d)

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

5. [Cosmologia] Tales <Pitágoras, Ecfanto, Empédocles, Parmênides, Melisso, Heráclito, Anaxágoras, Platão, Aristóteles, Zenão, dizem que> o Cosmo é <um>, <ao contrário de Anaximandro, Anaxímenes, Arquélau, Xenófanes, Diógenes, Leucipo, Demócrito e Epicuro, que afirmam existirem inumeráveis Cosmos no infinito>. (13 d = 13 b Diels)

Tales, Pitágoras e os das escolas <destes filósofos> dividem toda a esfera celeste em cinco círculos, que denominam “zonas”, cujos nomes são: ártico e sempre visível, trópico estival, equador, trópico hibernal, e antártico e invisível. Obliquamente às três zonas médias passa o chamado “zodiaco”, tocando em todas três. O meridiano corta as <cinco> zonas perpendicularmente, desde o ártico até ao <polo> oposto. (13 e = 13 c Diels).

<Da substância dos astros, da forma e do movimento, dos signos>: Tales diz que os astros são terrestres, quanto à forma, ígneos, quanto à substância [...] (17 b)

[...] que o sol tem a forma da terra [...] (17 b)

[...] foi o primeiro que disse que o disco do sol se eclipsa quando a lua, que é de natureza terrestre, passa diante dele em linha reta; então a imagem dela aparece no disco <solar> como num espelho. (17 c)

Tales foi o primeiro que afirmou que a lua é iluminada pelo sol (17 d = 17 b Diels).

6. [O “princípio”] Dos primeiros filósofos, a maioria considerava como únicos princípios de todas as coisas, os materiais. Pois do que todos os entes nascem e no que todos eles perecem, persistindo a substância sob as várias determinações <acidentais>, esse é o elemento e princípio primordial (*arché*). Daí o acreditarem que nada se gera e nada se corrompe e que a mesma substância permanece [...] Sobre o número e a forma destes princípios nem todos têm a mesma opinião. Tales, que deu início a semelhante filosofar, afirma que o princípio é a água (assim, declarava ele que a Terra flutua na água) crença a que teria sido levado pela observação de que tudo se nutre do <elemento> úmido e que o próprio calor dele provém e nele vive (ora aquilo de que <tudo> provém, é o princípio de tudo). Eis o fundamento de tal opinião; e depois, também porque a água é o princípio natural de tudo quanto é úmido. E há quem assevere que também os Antigos, – aqueles que muito antes de nós viveram e que primeiro discorreram acerca dos deuses –, da mesma maneira consideravam a natureza, pois fizeram do Oceano e de Tétis os autores de toda geração, e da água, a testemunha do julgamento dos próprios deuses, – aquela água que os poetas denominaram “Estige”. Com efeito o mais venerado é o mais antigo, e aquilo, por que se jura, o mais

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

venerando. Discutível será que tal seja efetivamente a mais antiga crença acerca da natureza; porém, ao que se diz, essa foi a doutrina de Tales sobre a primeira causa. (12)

Dos <filósofos> que dizem haver um só princípio movente, e que <Aristóteles> propriamente denomina “físicos”, uns o consideram finito; assim, Tales de Mileto, filho de Examias, e Hípon (que, parece, era ateu), induzidos pelas aparências sensíveis, asseveram que a água é o princípio. Pois o quente vive de umidade, as coisas mortas secam, todos os germes são úmidos e os alimentos estão repletos de suco; e é natural que todas as coisas se nutram do mesmo <elemento> de que provêm. Mas a água é o princípio da umidade e o sustento de tudo. Por isso concluíram que a água é o princípio e declaram que a Terra repousa na água. (13 a)

Outros dizem que a Terra repousa na água. Tal é a mais remota teoria que nos foi transmitida, e que a Tales se atribui, – que a Terra se mantém flutuando à maneira de um lenho ou qualquer outra <matéria> análoga (e, de certo, nenhuma se mantém naturalmente no ar, mas sim na água); como se a mesma teoria não fosse válida, tanto para a água que suporta a Terra, como para a própria Terra! Pois não é mais natural para a água que para a Terra o permanecer suspensa no ar, porque também a água deverá apoiar-se em alguma coisa (14)

Thaletis ineptu sententia est. Ait enim terrarum orbem aqua sustineri et vehi more navigii mobilitateque eius fluctuare tunc cum dicitur tremere. Non est ergo mirum, si abundat humor ad flumina profundenda, cum mundus in humore sit totus. (15)

Apud varias gentes diversa fuerunt genera sepulturae, inde est quod alii obruntur, alii exuruntur [...] Thales vero, qui confirmat omnia ex umore creari, dicit obruenda corpora, ut possint in umorem resolvi. (13 b)

7. [Pan-psiquismo] Segundo Aristóteles e Hípias, teria ele declarado que até os próprios seres inanimados têm alma, crença esta a que fora levado pela observação do magneto e do âmbar [...] (1)

E alguns afirmam que <a alma> está imixta no Todo; talvez por isso Tales acreditava que tudo está cheio de deuses. (22 a)

Tales ao que parece, e segundo o que dele se conta, considerava a alma como algo movente, se acaso alguma vez afirmou que o magneto tem alma porque move o ferro. (22b)

Tales foi o primeiro que demonstrou que a alma é uma natureza continuamente móvel, ou movida por si mesma. (22 c = 22 a Diels)

8. [Teologia] Tales <diz que> a inteligência do Cosmo é deus, porque o Todo é ao

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

mesmo tempo animado e cheio de entes divinos; que pelo úmido elementar perpassa a potência divina que o move. (23 a)

Thales enim Milesius qui primus de talibus rebus quaesivit, aquam dixit esse initium rerum, deum autem eam mentem, quae ex aqua cuncta fingeret. (23 b)

ANAXIMANDRO

(Diels-Kranz, cap. 12)

1. [Biografia] Anaximandro era filho de Praxíades e natural de Mileto [...] foi o inventor do “gnomon” [...] pelo qual reconhecia os solstícios e os equinócios. Traçava horóscopos. Foi o primeiro que desenhou o perímetro da terra e do mar, e construiu um globo celeste. Das suas doutrinas existiu um compêndio que chegou às mãos de Apolodoro de Atenas. Notícia este, na sua “Crônica”, que no 2.º ano da 58.ª Olimpíada (547/46 a.C.), Anaximandro tinha 64 anos; que morreu pouco depois e floresceu no tempo de Polícrates, tirano de Samo [...] (1)

A. conduziu a colônia que Mileto enviou a Apolônia. (3)

A., de Mileto, filósofo. Parente, discípulo e sucessor de Tales [...] Escreveu: “Da Natureza”, “Perímetro da Terra”, “Das Estrelas Fixas”, “Esfera Celeste”, e outros livros. (2)

Obliquitatem eius <do zodíaco> intellexisse, hoc est resum foras aperuisse, A. Milesius traditur primus olympiade quinquagesima octava (548/45 a.C.), signa deinde in eo Cleostratus, et prima arietis ac sagittari, spheram ipsam ante multo Atlas. (5)

A [...] foi quem primeiro ousou desenhar um mapa da terra habitada. Depois dele, Hecateu de Mileto, homem muito viajado, corrigiu o desenho no pormenor. (6)

Diodoro de Éfeso, no seu livro sobre A., declara que Empédocles o imitou no gesto trágico e no indumento faustoso (8)

2. [O *ápeiron* (infinito, ilimitado) é o princípio primordial (*arché*)] Dos que admitem um só princípio do movimento, infinito, A., filho de Praxíades, de Mileto, discípulo e sucessor de Tales, diz que o infinito é o elemento e princípio primordial, tendo sido ele o primeiro que introduziu a palavra <arché>. E afirma que não é este princípio a água ou qualquer outro dos que nós denominamos “elementos”, mas certa natureza infinita, diferente, da qual haveriam nascido todos os céus e todos os cosmos neles contidos:

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

[B 1] “Mas, donde provêm todos os entes, aí se corrompem também, por força da Necessidade; pois devem expiar reciprocamente a culpa da sua injustiça, segundo a ordem do Tempo [ou: segundo a sentença proferida pelo Tempo]”.

como ele diz na sua poética linguagem. É claro que A., porque observou a transformação recíproca dos quatro elementos, não julgou conveniente tomar um deles com substratum [*hypocheímenon*], mas algo diferente. E não atribui ele a geração à alteração do elemento, mas à separação dos contrários, por virtude do movimento eterno [...] (9)

[Crítica de Aristóteles:] Uma vez que a causa se diz de quatro modos, é evidente que o infinito é causa material [...]. Todos os outros <físicos> dele se servem como de matéria; pelo que é absurdo fazer do infinito em envolvente, e não o envolvido. (14)

[Motivo por que o infinito foi considerado como princípio] A. diz que o princípio dos entes é o infinito, pois dele tudo se gera e nele tudo se corrompe [...] <diz> que o princípio é infinito para que a geração não cesse [...] (14 b)

[Crítica de Aristóteles] A geração incessante não exige a existência de um corpo sensível, infinito em ato. (14 c)

[Predicados do infinito] Tudo o que é, ou é princípio ou do princípio <provém>; mas do infinito não há início; de contrário, teria fim. E depois, como princípio, é ingênito e incorruptível; pois tudo quanto foi gerado, terá necessariamente um fim, e toda geração tem um termo. Por isso dizemos que parece ser ele o princípio primordial de todas as outras coisas, “*tudo envolvendo e tudo governando*”, como asseveram aqueles que, além do infinito, nenhuma outra causa admitem, o espírito ou o amor, por exemplo. E esse <princípio> é o *divino* [theion]; pois ele é

[B 3] imortal <e> incorruptível
como o sustentam A. e a maioria dos físicos. (15)

De certa natureza infinita nasceu o céu e os cosmos nele contidos. Sem tempo e
[B 2] sem idade,
é este princípio que envolve todos os cosmos. (11)

3. [Cosmologia] Eterno é também o movimento, e, por virtude dele, nasceram os céus [...] (11)

A. diz que, mais antigos que o <elemento> úmido, é o princípio primordial, o movimento eterno, e que por ele umas coisas nascem e outras perecem. (12)

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

Is <Anaximandro> enim infinitatem naturae dixit esse, e qua omnia gignerentur. (13)

A. non enim ex una sicut Thales ex umore, sed ex suis propriis principiis quasque res nasci putavit. Quae rerum principia singularum esse credidit infinita, et innumerabiles mundos gignere et quaecunque in eis oriuntur; eosque mundos modo dissolvi modo iterum gigni existimavit, quanta quisque aetate sua manere potuerit, nec ispe aliquid divinae menti in his rerum operibus tribuens. (17 a)

Outros, como os adeptos de Anaximandro, Leucipo e Demócrito, e mais recentemente, os de Epicuro, admitem serem os cosmos infinitos em número [...] e dizem que o movimento é eterno, pois sem movimento nada se gera e nada se corrompe. (17 b)

A., Anaxímenes, Arquélau, Xenófanes, Diógenes, Leucipo, Demócrito e Epicuro, dizem que, no infinito, infinitos cosmos se geram e se corrompem em cada revolução <do Todo>. (17 c)

A. [...] <diz> que <os inúmeros cosmos> distam igualmente um dos outros. (17d)

Anaximandri autem opinio est nativos esse deos longis intervalis orientis occidentisque, eosque innumerabiles esse mundos. Sed nos deum nisi sempiternum intellegere qui possumus? (17 e)

A. <dizia> que <do infinito> se teriam segregado os céus, e em geral, todos os cosmos, que <em número> são infinitos, e que a corrupção e, muito antes, a geração, se dá por regresso periódico de todos <os cosmos> desde infinitos tempos. (10)

A. afirma também que na origem deste Cosmo se cindiu a eterna força geratriz do calor e do frio, formando-se então uma esfera ígnea que envolveu o ar que circunda a Terra, como a casca envolve a árvore. E quando este <invólucro> se rompeu e se repartiu por vários círculos, <então> se formaram o Sol, a Lua e as Estrelas (10)

E alega que o céu provém da mistura do quente e do frio. (17 f)

A Terra paira <no meio>, sem qualquer apoio, e permanece <no lugar em que está> pela equidistância a todas as coisas; é compacta e redonda como o fuste de uma coluna. Numa das superfícies estamos nós; a outra é lhe oposta. (11)

A Terra tem a forma de um cilindro de altura igual a um terço da largura. (10)

Sustentam outros que <a Terra> permanece <no seu lugar> por equilíbrio, como A., entre os Antigos. O movimento para cima, para baixo e para os lados, não convém àquilo que no centro se estabelece, e cuja distância a todos os extremos é a mesma; e como é impossível o movimento simultâneo em direcções contrárias, <a Terra> tem de permanecer onde está. (26)

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

a)

A. diz que a Terra é um meteoro e se move em torno do centro do Cosmo (26 b)

A circunferência do Sol é 27 vezes, e a da Lua 19 vezes, maior que a da Terra. (11)

O Sol é um círculo 28 vezes maior que a Terra, semelhante à roda de um carro, cujo cubo oco está cheio de fogo que transparece em certo lugar, através de um orifício, como que pelo bocal de um fole. (21 a)

O Sol tem a forma da Terra, mas o círculo pelo qual respira e no qual é transportado em volta <da Terra>, é vinte e sete vezes maior que a Terra. (21 b)

Alguns, entre os quais, Anaximandro, afirmam que o Sol tem a forma da roda de um carro, e <como a roda> irradia a luz. Pois, tal como na roda, da concavidade do cubo partem os raios para a camba, assim o Sol do interior emite a luz, e projeta os seus raios para o exterior, resplandecendo em círculos [...] Como uma trombeta, o Sol irradia a luz, de um cavo e estreito espaço. (21 c)

<Os eclipses do Sol> dão-se por obstrução dos respiradouros do fogo. (21 d)

As estrelas são círculos de fogo, separados do fogo que envolve o Cosmo, mas rodeados de ar [...] são visíveis através de orifícios [poros] tubulares. Quando os poros se obstruem, dão-se os eclipses. (11)

Os astros são circulares condensações de ar, ígneas, exalando chamas através de orifícios <que têm> em certos lugares. (18 a)

Os astros são movidos pelos círculos e as esferas que os transportam. (18 b)

Foi A. o primeiro que observou a ordem, assim como a grandeza e a distância dos planetas, – informa Eudemo (19)

A., Metrodoro e Crates <dizem> que por cima de todos <os astros> o Sol tem a sua sede; depois vem a Lua, e abaixo dela, as estrelas e os planetas. (18 c)

A Lua mostra-se ora cheia ora minguada, consoante os poros se abrem ou se fecham. (11)

A Lua é um círculo 19 vezes maior que a Terra, semelhante à roda de um carro, em que o cubo oco está cheia de fogo, tal como o Sol; e também como ele, jaz numa posição oblíqua. Tem um só respiradouro, como o tubo de um fole. (22 a)

A., Xenófanes e Beroso, dizem que <a Lua> tem luz própria. (22 b)

<Os eclipses da Lua> dão-se por obstrução do respiradouro do fogo. (22 c)

4. [Meteorologia] Os ventos geram-se por separação de tenuíssimos vapores do ar, e quando,

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

em movimento, se reúnem. – A chuva provém do vapor que da Terra ascendem ao céu, por virtude do calor do Sol. – Os relâmpagos surgem quando o vento se arremessa sobre as nuvens e as separa. (11)

[Dos trovões, relâmpagos, raios, turbilhões e ciclones] A. diz que todos <estes fenômenos> são causados pelo “pneuma” [ar sob pressão]. Quando este se acha envolvido por uma nuvem espessa, e depois, por virtude da própria sutileza e ligeireza, se esforça por irromper <da nuvem>, a ruptura produz o ruído, e a dilatação, por contraste com negrume da nuvem, o clarão <do relâmpago>. (23 a)

A. omnia ad spiritum [pneuma] retulit. Tonitrua, inquit, sunt nubs ictae sonus. Quare inequalia sunt? Quia et ipse spiritus inequalis est. Quare et sereno tonat? Quia tunc quoque per crassum et scissum aera spiritus prosilit. At quare aliquando non fulgurat et tonat? Quia spiritus infirmior non valuit in flamam, in sonum valuit. Quid est ergo ipsa fulguratio? Aeris diducentis se corruentisque iactatio languidum ignem nec exiturum aperiens. Quid est fulmen? Acrioris densiorisque spiritus cursus. (23 b)

O vento é uma corrente de ar, cujas partes mais sutis e mais úmidas são movidas ou fundidas pelo Sol. (24)

Ao princípio toda a superfície da Terra era úmida. Depois quando o Sol a secou, uma parte evaporou, e essa produziu os ventos e as revoluções do Sol e da Lua; a parte restante é o mar [...] <que>, secando cada vez mais, tem vindo sempre diminuindo e há de vir a desaparecer completamente. (27 a)

A. afirma que o mar é um resíduo da umidade primeira; o fogo secou a maior parte, e a que ficou foi alterada pelo aquecimento. (27 b)

5. [Origem do homem] Os seres vivos nascem <do úmido> com a evaporação produzida pelo calor do Sol. (11)

A. dizia que os primeiros animais nasceram do úmido, envolvidos em crostas aculeadas; mais tarde, quando passaram a viver no seco, as crostas romperam-se e em pouco tempo mudaram <o gênero> de vida. (30 a)

O homem, ao princípio, teria sido semelhante a outro animal, – ao peixe designadamente. (11)

A. Milesius videri sibi ex qua terraque calefactis exortos esse pisces seu piscibus simillima animalia; in his homines concrevisse fetusque ad pubertatem intus retentos; tunc demum ruptis illis viros mulieresque qui iam se alere possent processisse. (30 b)

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

A. <diz> que o homem, ao princípio, nasceu de animais com outras formas, por este motivo: todos os outros viventes depressa conseguem nutrir-se por si próprios, e só o homem carece por muito tempo dos cuidados maternos. Ora se ao princípio ele assim fosse <como hoje é>, nenhum teria sobrevivido. (10)

E os descendentes do remoto Heleno também sacrificam a Posídon “Patrogeneus”, supondo, como os Sírios, que o homem nasceu de uma substância úmida; por isso veneram o peixe como se fosse da mesma estirpe e tivesse o mesmo gênero de vida. Nisso se mostram mais filósofos que Anaximandro; o qual não diz que peixes e homens nasceram do mesmo, mas sim, que originariamente os homens foram gerados e nutridos dentro de peixes, como os esqualos, e que só depois de desenvolvidos a ponto de a si próprios se bastarem, teriam surgido do corpo dos peixes e arribado a terra. Assim declarou A. que o peixe é pai e mãe comum do gênero humano. (30 c)

6. [Psicologia] Anaxímenes, Anaximandro, Anaxágoras e Arquélau, afirmam que a alma é da mesma natureza que o ar. (29)

ANAXÍMENES

(Diels-Kranz, cap. 13)

1. [Biografia] Anaxímenes, filho de Eurítrato, de Mileto, foi discípulo de Anaximandro; outros asseveram que também o fora de Parmênides [...] Escreveu em dialeto jônico, com simplicidade e sem artifícios. Viveu, segundo Apolodoro, no tempo da conquista de Sardes [por Ciro, em 546 a.C.] e morreu na 63.ª Olimpíada (528/25 a.C.) (1)

2. [Sumário de doutrinas] Anaxímenes [...] designava o ar infinito como princípio (*arché*); dele provêm as coisas presentes, passadas e futuras, os deuses e todos os entes divinos; e todos os outros, dos que descendem do ar. § 2. A constituição do ar é a seguinte. Enquanto homogêneo, é invisível. Mas está sempre em movimento, pois sem movimento não produziria as modificações que produz. § 3. Da condensação e da dilatação do ar, resultam os vários fenômenos: quando se dilata, dá origem ao fogo, e pelo contrário, os ventos seriam condensações do ar; por condensação também a nuvem se forma do ar; e, prosseguindo a condensação, as pedras. As principais <condições> da geração residem nos contrários: calor e frio. § 4. A Terra é um disco achatado, que flutua no ar; o Sol, Lua e Estrelas, que consistem

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

de fogo, também flutuam no ar, devido à mesma forma achatada. § 5. Os astros geraram-se da Terra, porque a umidade que a Terra se evola, uma vez dilatada, em fogo se tornou. E do fogo que paira nas alturas, formaram-se os astros. Também há corpos semelhantes à Terra no espaço das estrelas, que com as estrelas se movem. § 6. Contudo, as estrelas não se movem para debaixo da Terra, como outros o supuseram, mas em torno dela, como um chapéu que fazemos girar em torno da cabeça. O Sol não é invisível porque desapareça debaixo da Terra, mas sim porque o ocultam os lugares mais altos <da Terra>, e porque aumenta a distância que dele nos separa. Também devido ao grande afastamento, as estrelas não nos aquecem. § 7. Os ventos resultam da condensação, e dos movimentos do ar, quando impelido. Quando se acumula e mais se condensa, nascem as nuvens, e assim se transformam em água. Graniza, quando a água que se precipita das nuvens, arrefece; quando, por mais fluida, apenas coagula, neva. § 8. Se as nuvens se rompem, por força dos ventos, relampeja; pois, quando as nuvens se rompem, o céu ilumina-se e inflama-se. O arco-íris aparece quando os raios do Sol incidem sobre cúmulos de ar; e os terremotos resultam de grandes modificações na Terra, por via de aquecimento e arrefecimento. (7)

3. [O princípio primordial] A. e Diógenes <de Apolônia> antepõem o ar à água, e constituem-no como princípio, de preferência aos outros corpos simples. (4)

Anaxímenes [...] discípulo de Anaximandro, também admite só uma substância, que – tal como o mestre –, declara infinita. Mas <a substância> não é indeterminada, como o era para Anaximandro, mas sim determinada, pois diz que ela é o ar, diferindo essencialmente apenas pela raridade ou pela densidade; dilatando-se, nasce o fogo; condensando-se, o vento, e mais, as nuvens, e mais ainda, a água, depois a terra, e depois as pedras e todas as demais coisas. Também afirma a eternidade do movimento, mediante o qual se efetuam as transformações. (5)

Anaxímenes [...] considerava o ar o princípio de todas as coisas; <dizia que> tudo provém do ar e no ar tudo se dissolve:

[B 2] “Como a nossa alma, que é ar, nos mantém firmemente unidos, assim o ar [*aer*] e o vento [*pneuma, spiritus*] envolvem todo o Cosmo”.

A. designou o ar infinito como o único princípio movente de todas as coisas. Diz ele:

[B 3] “O ar está à beira do incorpóreo, e como, por eflúvio dele, nascemos, infinito e opulento tem de ser, pois nunca cessa <de

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

correr>”.

A. diz que o princípio de todas as coisas é o ar, e que ele é infinito pela extensão, mas finito [determinado] pelas qualidades que assume, pois tudo nasce por efeito de uma certa condensação do ar, ou, pelo contrário, por dilatação. (6)

Só aludindo a A., Teofrasto [...] falou de “dilatação” e “condensação.” (5)

O que <da matéria> se contrai e se condensa, é frio; pelo contrário, o dilatado e o

[B 1] “distenso” [*chalarón*]

é quente.

Post eius <Anaximandri> auditor Anaximenes infinitum aëra, sed ea, quae ex eo orerentur, definita: gigni autem terram, aquam, ignem, tum ex iis omnia (9)

4. [Cosmologia, antropologia, teologia] Como gerado e transitório, admitem *um* Cosmo, aqueles que afirmam que ele, ainda que eterno, não é sempre o mesmo, mas que teria sido outro em outros tempos, e que a alteração se efetua com certa periodicidade. Assim <pensavam> A., Heráclito e Diógenes, e, mais tarde, os Estoicos. (11)

Post A. aëra deum statuit eumque gigni essequie immensum et infinitum et semper in motu, quasi aut aër sine ulla forma deus esse possit, cum praesertim deum non modo aliqua, sed pulcherrima specie deceat esse, aut non omne quod ortum sit mortalitas consequatur. (10 a)

Iste <Anaximander> Anaximenen discipulum et successorem reliquit, qui omnes rerum causas aëri infinito dedit, nec deos negavit aut tacuit; non ab ipsis aërem factum, sed ipsos ex aëre ortos credidit. (10 b)

Pois nem digo que o homem, todo ele é ar, como Anaxímenes. (22)

Outros <dizem> que aérea <é a alma>, como Anaxímenes e alguns Estoicos. (23)

Uns [Anaxímenes] afirmam que o Cosmo revolui como a mó de um moinho <horizontalmente>, outros [Anaximandro], pelo contrário, como a roda de um carro <verticalmente>. (12)

A. dizia que os astros revoluem sob a impulsão do ar condensado e resistente. (15a)

A. e Parmênides <dizem> que o céu é o mais exterior circuito da Terra. (13)

Os astros são de natureza ígnea; mas alguns também contêm corpos de natureza terrestre, invisíveis, que os acompanham no seu movimento. (14 a)

Os astros são como pregos afixos à cristalina abóboda do céu. (14 b)

Os astros não passam para debaixo da Terra; giram em volta dela. (14 c)

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

A maior parte dos antigos meteorólogos estavam persuadidos de que o Sol não passa por baixo da Terra, mas sim em torno dela, por esta região [o Norte]; e de que é a altitude da Terra, ao Norte, que oculta o Sol e produz a noite. (14 d)

Platão diz que as mutações de temperatura resultam do nascimento e ocaso das estrelas. Anaxímenes porém, atribui-as, não às estrelas, mas ao Sol apenas. (14 e)

A. declarava que o Sol é ígneo. (15 b)

A. <dizia> que o Sol é “espalmado como uma folha” (15 c) = [B 2 a]

Eudemo informa que [...] Anaxímenes foi quem primeiro descobriu que a Lua recebe a luz do Sol, e também de que maneira se eclipsa. (16)

O movimento subsiste desde a eternidade; se o ar se comprime, primeiro nasce a Terra, toda espalmada, e por isso é razoável que o ar a suporte; depois da Terra são gerados o Sol e a lua e as outras estrelas, – eis o motivo por que ele considera o Sol como um <espécie de> Terra, que pelo movimento rápido se houvesse aquecido a ponto de queimar. (6)

A Terra é semelhante a uma mesa [trapezoide] (20 a)

A., Anaxágoras e Demócrito, dizem que a forma espalmada da Terra é a causa da sua imobilidade; pois, sendo assim, não pode fender o ar que está por baixo, mas, pelo contrário, sobre ele se sustem como um teto, – o que parece acontecer com todos os corpos aplanados, porque dificilmente poderão os ventos removê-los, em virtude da resistência que lhes opõem. (20 b)

Por causa da sua forma achatada, é a Terra sustentada pelo ar. (20 c)

5. [Meteorologia] A. pretende que os ventos são gerados pela água e pelo ar, e que, movidos por uma força desconhecida, celérrimos voam como as aves (19)

A. <diz> o mesmo que ele [Anaximandro, acerca da tempestade, etc.], aduzindo o que acontece no mar: quando batido pelos remos, resplendece. (17 a)

As nuvens produzem-se quando o ar se condensa mais; e, prosseguindo a condensação, cai a chuva; depois graniza, se a água congela ao cair; e neva, se algum ar ficou circulando de água. (17b)

O arco-íris aparece quando os raios do Sol incidem numa nuvem muito densa. A nuvem permanece obscura porque os raios que a ferem, não podem atravessá-la. (18 a)

O arco-íris surge quando os raios do Sol incidem no ar muito denso. A parte anterior <do ar condensado> parece vermelha, porque queimada pelos raios do Sol, e a outra parece obscura, porque nela predomina a umidade. E diz <Anaxímenes> que à noite também aparece

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

um arco-íris produzido pela Lua; não muitas vezes, porém, visto que nem sempre é Lua Cheia, e porque a luz da Lua é mais débil que a do Sol. (18 b)

A. diz que a Terra se rompe pela aridez ou pela umidade, e que os terremotos resultam da percussão dos fragmentos <no solo>. Eis porque os tremores de terra se dão tanto pela grande aridez como pela chuva excessiva [...] nas épocas de aridez, a terra fende pela secura, e quando inundada de água, esboroa-se. (21)

TEÁGENES DE RÉGIO

(Diels-Kranz, cap. 8)

Em geral as doutrinas acerca dos deuses ocupam-se do inconveniente, assim como do indecoroso; pois, diz ele [Porfírio], que impróprios são os mitos que contam dos deuses. Semelhante acusação, há quem procure refutá-la, admitindo que <nos mitos> tudo venha expresso alegoricamente, quando, por exemplo, se trata de querelas entre os deuses. Explicam que na verdade o seco combate o úmido, o quente luta contra o frio, e o leve contra o grave; e que também a água pode extinguir o fogo, e o fogo pode secar a água. De igual modo <dizem que> a hostilidade reside no fundo de todos os elementos que constituem o Todo; a qual, em parte e uma vez, o sujeita ao aniquilamento, se bem que eternamente subsista. E assim também <o poeta> dispõe os combates, designando o fogo por “Apolo”, “Hélio” ou “Hefesto”, denominando a água “Posídon” e “Escamandro”, a Lua “Ártemis”, o ar “Hera”, etc. Semelhantemente procede ao pôr nomes de deuses a estados anímicos e espirituais, e dizendo “Atena” em lugar de inteligência, “Ares” em vez de estultícia, “Afrodite” por desejo, e “Hermes” quando devia dizer razão [...] Este gênero de apologia <dos mitos> é antiquíssimo; provém de Teágenes de Régio, que primeiro escreveu acerca de Homero. (2)

[*Teágenes nasceu no tempo de Cambises (529/22 a.C.)*] (1)

XENÓFANES

(Diels-Kranz, cap. 21)

A. Biografia e doxografia

1. [Vida] Xenófanés, de Cólofon, era filho de Déxio ou, segundo Apolodoro, de

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

Ortomenes [...] Expulso da sua pátria, foi viver para Zancle, na Sicília, e para Catania. Ao que afirmou alguns, de ninguém foi discípulo (outros porém, dizem que o fora, ateniense Bóton, e outros ainda de Arquelaus). Segundo a notícia de Sótion, viveu no tempo de Anaximandro. Foi autor de poesias em verso épico, de elegias, e de jambos dirigidos contra Hesíodo e Homero, denunciando o que esses poetas contavam dos deuses. Recitava ele os seus próprios poemas. Diz-se que se opôs às doutrinas de Tales e de Pitágoras, e também atacou Epimênides. Viveu Xenófanés até avançada idade, como ele próprio o diz algures [segue o frag. 8]. Floresceu na 60.ª Olimpíada (540/37 a.C.). Demétrio de Falero, no seu livro sobre os “Macróbios” e o Estoico Panécio, no livro que escreveu sobre a “Alegoria”, informam que sepultou ele os filhos com as próprias mãos, como Anaxágoras. Consta que fora vendido como escravo por ... <e liberado> pelos Pitagóricos Parménisco e Orestades, ao que diz Favorino no I Livro dos “Memoráveis” (1)

Xenophanes Colophonius maior annorum centrum fuit. (7)

2. [Poesia] *Non ita tamen Xenophanes aut Parmenides aut Empedocles sive alii quicumque theologi a poesi capti sunt divini viri <deos mendaces finxerunt>, se potius theoriam naturae gaudio amplexi et vitam omnem as pietatem laudemque deorum dedicantes optimi quidem viri comperti sunt, poetae tamen non felices: quos opoterbat divinitus spiritum sortiri gratiamque de caelo metrum carmen rhythmumque caelestem ac divinum, ut poemata vera reliquerent velut prototypum libri perfectum et pulchrum cunctis exemplar... at quare Empedocles, Parmenides, Xenophanes, aemulatorque istorum chorus non sortiti sunt spiritum Musarum, cum theologiam exercuerunt?* (26)

Mas Xenófanés, Sólon, Teógenes, Focílides e também Teriandro, o corínteo poeta elegíaco, e outros que não acompanham<a recitação de> seus poemas de música, compõem os versos, no respeitante a número e arranjo dos pés métricos, de modo a que nenhum deles seja acéfalo, coxo ou quebrado. (27)

3. [Conspecto das doutrinas] Xenófanés ensinou primeiro a inconcebibilidade de todas as coisas [cf. frs. 34 e 38] [...] Afirma que nada se gera, nada se corrompe, nada se move, e que o Todo é uno e inalterável. Deus é um, eterno, homogêneo, limitado, esférico, e sensível por todas as suas partes [cf. frs. 23 e ss.]. O Sol nasce por via de aglomeração de partículas inflamadas, que vai aumentando dia a dia; a Terra é ilimitada, e nem o ar nem o céu à cingem [cf. fr. 28]; infinito número de sóis e luas existem, mas tudo provém da Terra [cf. fr. 27]. O mar é salgado por que muitas <matérias> amalgamadas nele convergem [...]

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

Xenófanes crê que a terra se mistura com o mar, e que, no decorrer do tempo, aquelas se dissolverá no <elemento> úmido. Assegura que disso tem ele a prova, pois no meio da terra firme e nas montanhas, se encontram conchas, e diz que nas pedreiras de Siracusa foram achadas impressões de peixes e de focas, e em Faro, a impressão de uma anchova, na profundidade da rocha, e em Malta, outras, de outros possíveis animais marinhos. Diz ele que tal aconteceu, quando outrora tudo era lama, e que as impressões produzidas na lama teriam endurecido depois. Todos os homens pereceriam se a terra resvasse para o mar e se tornasse em lama. Mas depois voltaria a nascer; e, a mutação tal, todos os cosmos estão sujeitos. (33)

4. [O Uno, Deus e os deuses] *Fala o forasteiro de Eleia*: “Cada qual parece que nos conta um conto, como se crianças fôssemos. Este diz que três são os seres que ora mutuamente se combatem de qualquer modo, ora, tornados amigos, eis que lhes assistimos às bodas, aos partos, e à criação dos filhos. Aquele, dizendo que são dois apenas, o úmido e o seco, ou o quente e o frio, – ajunta-os e casa-os. Mas lá a nossa gente de Eleia, que vem de Xenófanes, e de mais além, admite em suas doutrinas que um único ser é o que de Todo tem o nome. (29)

Xenófanes, o fundador da seita eleática, assevera que o Todo é um, esférico e limitado; ingênito, mas eterno e absolutamente imóvel; mas depois, olvidado destas doutrinas, diz que da Terra tudo nasce [cf. fr. 27] (36).

Ao que parece, Parmênides concebeu a unidade, quanto à definição, e Melisso, quanto à matéria. Daí resulta que, para aquele, ela seja finita, e para este, infinita. Xenófanes, porém, o mais antigo adepto da unidade (diz-se que Parmênides foi discípulo dele), parece que em nada esclareceu <a questão>, nem entendeu a natureza de qualquer destas causas. Mas, considerando o céu inteiro, proclamou que uma é a divindade. Estes filósofos, como dissemos, têm de ficar à margem da nossa presente inquirição, e, completamente, dois deles, cujas concepções são demasiado grosseiras: Xenófanes e Melisso. Parmênides [...] (30)

Teofrasto assevera que Xenófanes [...] admite um só princípio, ou considera o ser como “um e tudo” (assim como, nem finito nem infinito, nem móvel nem imóvel). Aliás concorda <Teofrasto> em que a menção desta doutrina mais convém a outro <domínio>, que não ao da história natural; pois, no dizer de Xenófanes, este “um e tudo” é deus. Declara que é um, por se o mais poderoso de todos; porque se vários entes houvesse, igualmente repartido seria o poder entre eles; ora Deus é o que há de mais sublime e superior a tudo, em poder. Ingênito, porque o que nasce, há de nascer do semelhante ou do dissemelhante; mas o

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

semelhante, diz ele que não pode exercer este efeito <de gerador> sobre o semelhante, pois não convém mais a um que a outro o gerar ou o ser gerado. Mas se nascesse do dissemelhante, nasceria do que não é, – e assim demonstra a ingenerabilidade e a eternidade. Não é infinito nem finito, porque o infinito é o não ser, pois não tem início, nem meio, nem fim, e porque <só> os múltiplos seres reciprocamente se limitam. E do mesmo modo suprime o movimento e o repouso, porque o imóvel é o não ser, que em outro se não torna, nem outro se torna nele; e o movimento mais convém ao múltiplo que ao uno, pois, neste caso, podem um no outro se transmutar. Por conseguinte, quando diz... [26], entende-se pelo dito, não a imobilidade que se opõe à mobilidade, mas sim a estabilidade, sem movimento nem repouso. Nicolau Damasceno, no seu tratado “Acerca de Deus”, menciona <Xenófanes> como tendo ele declarado que o princípio é infinito e imóvel. Segundo Alexandre <de Afrodísias>, tê-lo-ia dito limitado e esférico. Porém, claramente ficou expressa a maneira como ele demonstra a infinitude e a ilimitação; a limitação e a forma esférica, demonstra-as dizendo que semelhante é o ente por todos os lados; demais, também afirma que ele pensa todas as coisas, dizendo [25] (31)

Unum esse omnia neque id esse mutabile et id esse deum neque natum unquam et sempiternum, conglobata figura. – (34 a)

Tum Xenophanes qui mente adiuncta omne praeterea quod esse infinitum deum voluit esse, de ipsa mente item reprehendetur ut ceteri, de infinitate autem vehementius, in qua nihil neque sentiens neque coniunctum potest esse (34 b).

E depois caberia ainda responder: os poetas representam a opinião dos homens, como as histórias que se contam dos deusas. Essas narrativas talvez não sejam verdadeiras, nem melhores; talvez as coisas sejam como apareciam a Xenófanes; no entanto, assim as dizem os homens. (34 c)

[...] dizia Xenófanes que tão ímpios são os que afirmam que os deuses nasceram, como os que asseveram que eles morreram. Pois de ambos os modos se diz que em determinado tempo não existiram. (12)

Tendo os cidadão de Eleia perguntado a Xenófanes se deviam ou não sacrificar a Leucoteia, e lamentá-la como a uma defunta, aconselhou-os a que não a lamentassem, se como deusa e veneravam; mas, se a consideravam como um ser humano, que não lhe sacrificassem. (13)

Philosophorum vero exquisita quaedam argumenta cur esset vera divinatio collecta

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

sunt, e quibus, ut de antiquissimis loquar, Colophoniud Xenoplanes, unum que deos esse diceret, divinationem funditus sustulit; reliqui vero omnes praeter Epicurum balbutientem de natura deorum divinationem probaverunt. (52)

5. [Cosmografia, meteorologia, geografia] Cf. *supra* § 3 e frgs. 30 e 32.

Xenófanes: o Cosmos é ingênito, eterno e incorruptível (37)

<os astros nascem> de nuvens inflamadas; todos os dias se apagam e todas as noites se alumiam como carvões; pois, nascimentos e ocasos são inflamações e extinções (38)

O Sol provém de uma <dessas> nuvens inflamadas. <Segundo Teofrasto, Xenófanes considerava> o Sol como originado de uma aglomeração de partículas inflamadas, provenientes de exalações úmidas. (40)

O Sol apaga-se, e outro Sol renasce no Oriente [...] (41)

Muitos são os sóis e as luas, conforme os climas, regiões e zonas da Terra. Mas em determinado tempo, o disco <do Sol ou da Lua> perde-se em tal lugar da Terra que não é habitado por nós, acontecendo então que, como se andasse pelo vazio, eclipsando parece. Xenófanes diz também que o Sol vai até ao infinito, mas que, por via da distância, nos parece que percorre um círculo. (41 a)

O Sol é útil para o nascimento e manutenção da vida dos seres que habitam o Cosmo; mas não a Lua (42)

<A Lua> é uma nuvem lanuda. (43 a)

<A Lua> tem luz própria. (43 b)

A ocultação mensal da Lua também é devida à extinção (43 c)

Todos esses [cometas, estrelas cadentes, meteoros] nascem por formação e moção de nuvens inflamadas (44)

Os relâmpagos são nuvens que o movimento tornou luminosas. (45)

Do calor do Sol, como causa principal, todos os meteoros provêm. Supurada a água do mar, a <água> doce separa-se pela sutileza própria, e depois, condensando-se em névoa, forma as nuvens; e prosseguindo a condensação, cai a chuva e sopram os ventos [cf. fr. 30] (46).

Muitos afirmam que a parte inferior da Terra se prolonga indefinidamente, asseverando que ela radica no infinito, assim o diz Xenófanes de Cólofon [28] (47).

Sed ecquid nos eodem modo rerum naturas persecare aperire dividere possumus, ut videamus, terra penitusne defixa sit et quasi radicibus suis haereat <Xenophanes> an media

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

pendeat? Habitari ait Xenophanes in luna eamque esse terram multarum urbium et montium
(47 a)

B – Fragmentos

ELEGIAS

[1] Agora o solo está puro, e as mãos de todos, e as taças. Um adorna os nossos cabelos de coras de flores tecidas; outro, de uma urna nos fornece unguentos perfumados. A cratera ali está, repleta de delícias, e outro vinho que promete não acabar, doce como o mel e odorífero como as flores. Do meio de nós exala-se o santo aroma do incenso; e não falta água frígida, doce e pura. Lá estão os pães doirados, e a veneranda mesa vergando sob a abundância de queijo e de mel untuoso. No meio levanta-se o altar todo ornado de flores, e a casa ressoa de música e alegria. Que os ledos convivas louvem o deus com hinos e palavras piedosas e puras. Mas depois das libações e preces à divindade para que nos dê forças para cumprir o que é justo – que esta súplica terá de ser sempre a primeira –, nunca se excederá quem tanto vinho beber, quanto lhe permita regressar a casa sem a companhia dos servos, provisto que a idade lho consinta. E dos homens dignos de louvor é aquele que, depois da bebida, mostrando que guardou a memória e ainda se esforça pela virtude, não conta as lutas dos Titãs, e as dos Gigantes e dos Centauros (fábulas de tempos remotos...), nem as tumultuosas guerras cívicas, – que nada de bom há nesses contos! Bom é sempre pensar nos deuses com veneração.

[2] Mas se um homem obtém a vitória pela rapidez de seus pés, ou no pentatlo em Olímpia, onde justo à fonte do Pisa está o campo de Zeus consagrado, ou na luta, ou porque hábil no doloroso pugilato ou na horrenda prova que chamam pancrácia, – ei-lo, mais glorioso que nunca nos olhos dos concidadãos, erguido a ilustre lugar entre todos os que assistem aos jogos, sustentando à custa da Cidade, repleto de dádivas para ele preciosas e raras. E todavia, ainda que com seus ginetes ganhasse tão alto prêmio, ninguém tanto o merece com eu! Porque a nossa sabedoria decerto que é mais nobre que o vigor dos homens e dos cavalos. Insensato costume, e injusto, este, de mais pesar a força que a boa sabedoria... Que haja entre o povo um pugilista hábil, ou quem vença no pentatlo e na luta, ou até na corrida (que mais estimada é a rapidez que a força), quem quer que vitorioso saia das másculas competições, – nem por isso o povo andarà mais bem governado. Pouco proveito adviria à Cidade, se algum cidadão das margens do Pisa lhe trouxesse a vitória. Não é isso que lhe aumenta os tesouros.

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

[3] Com os Lídios aprenderam os modos relaxados, nocivos; e antes de experimentarem a odiosa tirania, dirigiam-se ao *ágora*, não menos que mil de cada vez, revestidos de púrpura, cheios de orgulho, envaidecidos de seus bem amaneirados cabelos, gotejantes de artificiosos bálsamos.

[4] [*Os Lídios foram os primeiros que cunharam moeda*]

[5] Ao misturar na taça, ninguém verta o vinho primeiro; não, antes a água e depois o vinho.

[6] Enviaste uma coxa de cabrito e por ela recebeste a gorda perna de um touro, prêmio que convém ao homem cuja fama se propagará por toda a Hélade, e não cessará enquanto perdure a estirpe dos cantos heládicos.

[7] *Que ele <Pitágoras> sob várias personalidades noutros tempos nascera, confirma-o Xenófanés, na elegia que começa assim:*

Agora passo a outra canção e vou mostrar-vos o caminho.

Mas o que ele diz de Pitágoras é o seguinte:

Passando por um cão que maltratavam, assim falou: – “não lhe batam mais, que é a alma de um amigo, pela voz o reconheci.”

[8] *Viveu Xenófanés até avançada idade, como ele próprio o diz algures:*

Já sessenta e sete anos trazem meus cuidados arrastados por terras gregas; antes, porém, outros vinte e cinco eram passados, se a verdade ainda sei dizer acerca disso.”

[9] Muito mais débil que um varão idoso.

SILOS

[10] Já que todos, desde o princípio, com Homero aprenderam ...

[11] Homero e Hesíodo imputaram aos deuses tudo quanto entre os homens é indecoroso e censurável: roubos, adultérios e enganos recíprocos.

[12] Muitos atos ilícitos eles contam dos deuses: roubos, adultérios e enganos recíprocos.

[13] [*Uns como Filócoro e Xenófanés, asseveram que Homero é mais velho que Hesíodo, outros, que é mais novo*]

[14] Mas creem os mortais que os deuses nasceram, e que, tal como eles, têm figura, vestuário e voz.

[15] Se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões, e se pudessem com as mãos

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

pintar ou produzir obras de arte, como se homens fossem, então pintariam os cavalos, semelhantes a cavalos, e os bois, semelhantes aos bois, as figuras dos deuses, e esculpiriam os corpos deles, cada um em conformidade com o próprio aspecto.

[16] De pele negra e nariz achatado, aos Etíopes se afiguram os deuses; mas aos Trácios, de olhos azuis e cabelos loiros.

[17] Em torno de firme morada erguem-se ramos de pinheiro.

[18] Ao princípio, nem todas as coisas os deuses ensinaram aos homens; mas pouco a pouco vão eles descobrindo o melhor.

[19] *[Também há quem diga que foi Tales o primeiro cultor da ciência dos astros, havendo prenunciado eclipses do Sol e acontecimentos futuros, motivo pelo qual, Xenófanés e Heródoto o admiram.]*

[20] *[Epimênides viveu, como Xenófanés o ouviu dizer, cento e cinquenta e quatro anos.]*

[21] *Xenófanés apelida Simônides de “Mesquinho”.*

[21a] “Erykos” (*Glossa*)

[22] No inverno, junto ao fogo, em leito macio, bem regalado, bebendo o doce vinho e mastigando chicharos, é que convém palestrar assim: – “Então, meu valente, a que raça pertences tu? Que idade tens? Quantos anos tinha quando chegou o Meda?”

DA NATUREZA

[23] Um só Deus, o supremo de homens e deuses, diferente dos mortais na forma como no pensamento.

[24] Todo ele vê, todo ele pensa, todo ele ouve.

[25] E sem custo tudo move por força do próprio pensamento.

[26] E sempre se mantém no mesmo lugar, sem mover-se, – nem convém à sua natureza que se mova para cá e para lá.

[27] Pois tudo vem da Terra e na Terra tudo finda.

[28] Confinado com o ar, eis aqui a nossos pés o supremo limite da Terra; mas o ínfimo limite chega ao infinito.

[29] Terra e água, – é tudo que nasce e cresce.

[30] Fonte da água é o mar, e fonte dos ventos; pois nem existiriam as nuvens sem o vasto Ponto, nem o curso dos rios nem a chuva dos céus. Mas é ele, o vasto Ponto, que gera as

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

nuvens, os ventos e os rios.

[31] O Sol que sobre a Terra se ergue, acalentando-a...

[32] E o que eles chamam Iris, também é, por natureza uma nuvem, que à vista é purpúrea, rubra e esverdeada.

[33] Porque da terra e da água todos nascemos.

[34] Não há homem algum que claramente visse, e nenhum haverá jamais que claramente tivesse visto, e saiba dos deuses e de tudo o quanto eu falo; pois ainda que alguém viesse a pronunciar o melhor possível a palavra definitiva, nem esse saberia: sobre tudo recai a opinião.

[35] Isto <que eu digo> deve ser considerado como opinião <minha> e apenas como verossímil, <mas nem por isso é a verdade>.

[36] Tudo quanto se oferece à vista dos mortais...

[37] E entretanto, gota a gota, a água corre nas cavernas.

[38] Se Deus não tivesse criado o flavo mel, dir-se-ia que os figos são muito mais doces <do que parecem agora>.

[39] “Cerejeira” (*glossa*)

[40] “Rã” (*glossa*)

[41] [*Silógrafo é Xenófanes, e Tímon, e outros mais.*]

FONTES DA DOXOGRAFIA E DOS FRAGMENTOS

Doxogr. (); Frags. []

TALES	(12) Aristot. <i>Metaphys.</i> I 3 983
(1) Diog. Laert. I 22, ss.	(11e) Iambl. <i>Vit. Pyth.</i> 12 b 6
(5a) Herod. I 74	(13a) Simpl. <i>Phys.</i> 23, 21 = Theophr. <i>Phys. Opin.</i> fr. 1
(5b) Clem. Alex. <i>Strom.</i> I 65	(13b) Serv. <i>ad Aen.</i> XI 186
(5c) Euseb. <i>Chron.</i> (Hieron.) a. Abr. 1432	(13c = 13a Diels) Aët, I 17, 1
(5d) Plin. <i>Nat. Hist.</i> II 53	(13d = 13b ") <i>ib.</i> II 1, 2
(9) Plat. <i>Thaet.</i> 174a	(13e = 13c ") <i>ib.</i> II 12, 1
(10) Aristot. <i>Polit.</i> I II 1259 a 6	(14) Aristot. <i>de Caelo</i> II 13 294 a 28
(11a) Procl. <i>in Euclid.</i> 65, 3 (Friedl.)	(15) Sen. <i>Nat. Quaest.</i> III 14
(11b) Plut. <i>de Is. Et Os.</i> 34	(17a) Aët. II 13, 1
(11c) Ioseph. c. Ap. I 2	(17b) “ 20, 9
(11d) Aët. I 3, 1	

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

- | | |
|--|---|
| (17c) “ 24, 1 | (17c) Aët. II 1, 3 |
| (17d = 17b Diels) <i>ib.</i> 27, 5 | (17d) <i>ib.</i> 1, 8 |
| (19a) Apul. <i>Flor.</i> 18 | (17e) Cic. <i>de nat. deor.</i> I 10, 25 |
| (19b) Iul. <i>Orat.</i> III 162, 2 (H) | (17f = 17a Diels) Aët. II 11,5 |
| (20a) Procl. <i>In Euclid.</i> 157, 10 (Friedl.) | (18a) Aët. II 15, 6 |
| (20b) <i>ib.</i> 250, 20 | (18b) <i>ib.</i> 16, 5 |
| (20c) <i>ib.</i> 299, 1 | (18c) <i>ib.</i> 13, 7 |
| (20d) <i>ib.</i> 352, 14 | (19) Simpl. <i>de cael.</i> 471, 1 |
| (21a) Plin. <i>Nat. Hist.</i> XXXVI 82 | (21a) Aët. II 20, 1 |
| (21b) Plut. <i>Conv.</i> VII Sap. 2, 147A | (21b) <i>ib.</i> 21, 1 |
| (22) Aristot. <i>De anima</i> I 5, 411 a 7 | (21c) Achill. <i>Isag. in Arat. Phaen.</i> 19 |
| (22a) Aët. IV 2, 1 | (21d) Aët. II 24, 2 |
| (23a) <i>ib.</i> I 7, 11 | (22a) <i>ib.</i> 25, 1 |
| (23b) Cic. <i>de nat. deor.</i> I 10, 25 | (22b) <i>ib.</i> 28, 1 |
| | (22c) <i>ib.</i> 29, 1 |
| ANAXIMANDRO | (23a) <i>ib.</i> III 3, 1 |
| (1) Diog. Laert. II 1-2 | (23b) Sen. <i>nat. quaest.</i> II 18 |
| (2) Suidas, s. v. | (24) Aët. III 7, 1 |
| (3) Aelian. <i>var. hist.</i> III 17 | (26a) Aristot. <i>de caelo</i> II 13 p. 295 b 10 |
| (5) Plin. <i>nat. hist.</i> II 31 | (26b) Theo Smyrn. P 198, 18 (Hill.) |
| (6) Agathemer. I 1 | (27a) Aristot. <i>Meteor.</i> II 1 p. 353 b 6 |
| (7) Themist. <i>Orat.</i> 36 p. 37 | (27b) Aët. III 16, 1 |
| (8) Diog. Laert. VIII 70 | (29) <i>ib.</i> IV 3, 2 |
| (9) Simpl. <i>Phys.</i> 24, 13 = Theophr. <i>Phys. Op.</i> fr. 2 | (30a) <i>ib.</i> V 19, 4 |
| (10) [Plut.] <i>Strom.</i> 2 | (30b) Censor. 4, 7 |
| (11) Hippol. <i>Refut.</i> I 6, 1-7 | (30c) Plut. <i>Symp.</i> VIII 8, 4 p. 730 E |
| (12) Herm. <i>Irris.</i> 10 | [1] = (9) |
| (13) Cic. <i>Ac. pr.</i> II 37, 118 | [2] = (11) |
| (14a) Aristot. <i>Phys.</i> III 7, 207 b 35 | [3] = (15) |
| (14b) Aët. I 3, 3 | |
| (14c) Aristot. <i>Phys.</i> III 8, 208 a 8 | ANAXIMENES |
| (15) <i>ibid.</i> 4, 203b | (1) Diog. Laert. II 3 |
| (17a) August. <i>Civ. Dei</i> VIII 2 | (4) Aristot. <i>Methaphys.</i> I 3 p. 984 a 5 |
| (17b) Simpl. <i>Phys.</i> 1121, 5 | (5) Simpl. <i>Phys.</i> 2, 426 = Teophr. <i>Phys. Op.</i> fr. 2 |

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

- (6) [Plut.] *Strom.* 3
- (7) Hippol. *Refut.* I, 7
- (9) Cic. *Acad.* II 37, 118
- (10a) *id.*, *de nat. deor.* I 10, 26
- (10b) August. *Civ. Dei.* VIII 2
- (10c) Aët. I 7, 13
- (11) Simpl. *Phys.* 1121, 12
- (12) Aët. II 2, 4
- (13) *ib.* 11, 1
- (14a) *ib.* 13, 10
- (14b) *ib.* 14, 3
- (14c) *ib.* 16, 3
- (14d) Aristot. *Meteor.* II 1 p. 354 a 28
- (14e) Aët. II 19, 1
- (15a) *ib.* 20, 2
- (15b) *ib.*
- (15c) *ib.* 22, 1
- (16) Theo *Smyrn.* p. 198, 14
- (17a) Aët. III 3, 2
- (17b) *ib.* 4, 1
- (18a) *ib.* 5, 10
- (18b) Schol. Arat. Phaen. P 515, 27 (Maas)
- (19) Galen. In Hippocr. de hum. III 16
- (20a) Aët. II 10, 3
- (20b) Aristot. *de caelo* II 13 p. 294 b 13
- (20c) Aët. III 15, 18
- (21) Aristot. *Meteor.* II 7 p. 365 b 6
- (22) Galen. In Hipp. de n. hom. XV 25
- (23) Philopon. *de anima* 9, 9

[1] Plut. *de prim. frig.* 7 p.

[2] Aët. I 3, 4

[2a] *ib.* II 22, 1

[3] (espúrio) Olympiod. *de arte sacra lapidis philosophorum* c. 25 = Berthelot, *Coll Alch. Gr.* I 2 p. 88 7.

TEÁGENES DE RÉGIO

- (1) Tatian. 31 p. 31 16 (Schw)
- (2) Schol. Hom. B. ad *Iliad* XX 67

XENÓFANES

- (1) Diog. Laert. IX 18 ss.
- (7) Censor. 15 3
- (26) Philo *de provid.* II 39
- (27) Athen. *VIV* p. 632 CD
- (33) Hippol. *Refut.* I 14
- (29) Plat. *Sophist.* p. 242 C D
- (36) Theodoret. IV 5
- (30) Aristot. *Metaphys.* I 5 p. 986 b 18
- (31) Simpl. *Phys.* 22, 22ss.
- (34a) Cic. *Acad.* II 118
- (34b) *id.* *d. nat. deor.* I 11, 28
- (34c) Aristot. *Poet.* 25 p. 1460 b 35
- (12) *id.* *Rhetor.* II 23 p. 1399 b 5
- (13) *ibid.* 26 p. 1400 b 5
- (52) Cic. *de divin.* I 3, 5
- (37) Aët. II 4, 11
- (38) *ib.* 13, 14
- (40) *ib.* 20, 3
- (41) *ib.* 24, 2
- (41a) *ib.* 24, 9
- (42) *ib.* 30, 8
- (43a) *ib.* 25, 4
- (43b) *ib.* 28, 1
- (43c) *ib.* 29, 5

Sousa, Eudoro

Fontes da História da Filosofia Antiga – Secção I (1ª parte)

- (44) *ib.* III 2, 11
(45) *ib.* 3, 6
(46) *ib.* 4, 4
(47) Aristot. *De caelo* II 13 p. 294 a 21
(47a) Cic. *Acad. pr.* II 39, 122
- [1] Athen. XI 642 C
[2] *ibid.* X 413 F
[3] *ibid.* XII 526 A
[4] Pollux IX 83
[5] Athen. XI 782 A
[6] *ibid.* IX 386 E
[7] Diog. Laert. VIII 36
[8] *ibid.* IX 18, 19
[9] *Etym. Gen. s. v. Gêras*
[10] Herodian. *peri dichron.* p. 296, 6
[11] Sext. Emp. *adv. Math.* IX 193
[12] *ibid.* I 298
[13] Aul. Gellius *N. A.* III 11
[14] Cl. Alex. *Strom.* V 109
[15] *ibid.* 110
[16] *ibid.* VII 22
[17] Schol. Aristoph. *Equit.* 408
[18] Stob. *Ecl.* I 8, 2; *Flor.* 29,
[19] Diog. Laert. I 23
[20] *ibid.* I 111
[21] Schol. Aristoph. *Pac.* 687
[21a] Schol. Hom. Oxyrh. 1087, 40 (*Ox. Pap.* Vol. VIII p. 103)
[22] Athen. *Epit.* II p. 54 E
[23] Clem. Alex. *Strom.* V 109
[24] Sext. Emp. *adv. math.* IX 144
[25] *Simpl. Phys.* 23, 19
[26] *ibid.* 23, 10
[27] Aët. IV 5
[28] Achill. *Isagog.* 4 p. 34, 11 Maass
[29] *Simpl. Phys.* 188, 32
[30] Aët. III 4, 4
[31] Heraclit. *Alleg. Hom.* c. 44
[32] Schol. BLT Eust. ad. *Iliad.* IX 27
[33] Sext. Emp. *adv. math.* X 314
[34] *ibid.* VII 49, 110; Plut. *aud. Poet.* 2 p. 17 E
[35] Plut. *Sympos.* IX 7 p. 746 B
[36] Herodian. *peri dichron.* 296, 9
[37] *ibid. peri mon. lex.* 30, 30
[38] *ibid.* p. 41, 5
[39] Pollux. VI 45
[40] Etym. Gen. s. v. *Brótachon*
[41] Tzetz. *ad. Dion. Perieg.* 940